

## AMOR E DEVOÇÃO FILIAIS (XIÀOSHÙN) NA FAMÍLIA CHINESA: FILIAÇÃO NA MIGRAÇÃO

Ernesto René Sang \*  
Eva Maria Migliavacca \*\*

*A piedade filial é um sentimento natural, espontâneo e profundo, que se encontra em todos os homens e em todos os povos e que, sob a forma de instinto, encontra-se mesmo entre certas espécies de animais. Este sentimento inato leva-nos a manifestar o nosso reconhecimento aos pais a quem devemos a vida, a proteção, a educação, e outros benefícios sem número. Devemos amá-los, servi-los e respeitá-los, a fim de recompensá-los numa mínima parte das fadigas, solicitude, cuidados, afeições e ternura que tiveram conosco. O que faltar a este grande dever é um ingrato, um desnaturado que nem mereceria o nome de homem (Frei Kao, 1952, p.167).*

### XIÀOSHÙN: Amor e Devoção Filiais

A filiação é, por definição, de início, um vínculo de natureza biológica. No entanto, interessa-nos a filiação como vínculo psicossocial colorido pela cultura, produto da humanização desse vínculo biológico tal como conscientizado pelo sujeito. Na literatura relacionada à família chinesa (Hsu, 1974, 1949, 1961; Mah, 1998; Chang, 1998; Tan, 1992; Wong, 1998; Xue, 2003; Yang, 1948; Zang, [s/d]; Osgood, 1975), seu modo de funcionamento obedece à doutrina confucionista, que tem como postulado importante o amor e a devoção filiais (*xiàoshùn*) que regem as relações dentro da família chinesa. Será que os filhos nascidos após a emigração dos pais, em terra estrangeira, sentem-se também chineses<sup>1</sup>?

Na formação do sentimento de identidade desses filhos de imigrantes chineses, supomos que um ponto crucial na percepção de si mesmos é poderem reconhecer-se como herdeiros de uma cultura diferente, que lhes foi transmitida nos processos de socialização primária. Como será que esses filhos de imigrantes, criados num país diferente, numa grande cidade metropolitana como

São Paulo, tendo acesso a uma escolaridade e a uma educação superior em instituições altamente valorizadas no meio, se comportam em relação à educação que receberam em seus lares, e como respondem a esse meio, fora do âmbito familiar? Que percepção eles têm de sua filiação, considerando que essa educação implica normas e valores que transcendem o indivíduo e constituem uma mentalidade que visa a vida comunitária? É importante não esquecer que como resultado da emigração dos pais, os filhos forçosamente terão que procurar um ajustamento que pode parecer uma aculturação. Entretanto, as características fenotípicas da etnia oriental sempre estão presentes, definindo-os como diferentes do grupo no qual estão atualmente inseridos, e, portanto, fica artificial o recurso a um certo 'mimetismo'. É de se presumir que a elaboração do sentimento de identidade, nesses indivíduos, envolva a elaboração de uma subjetividade que passa pela conquista da singularidade. Essa consciência de singularidade nem sempre é formulada para si mesmo. A igualdade em relação aos outros, que esses filhos de imigrantes chineses vivem, de forma quase natural, será uma ilusão?

Há momentos em que tal igualdade

precisa ser discriminada, nuançada, para evitar o risco do mimetismo passivo de 'ser brasileiro' e, por isso, um 'estranho (não-chinês) dentro da família'. Em casa, para os pais imigrantes, ele pode se afirmar como 'brasileiro'; no entanto, na convivência social, ele é 'o china', 'o chinês', apelidos atribuídos por outros, vindos de fora, exteriores ao indivíduo. Esse 'outro' se faz presente ao chamá-lo: *Ei, chinês! ei, chinesa!* Provavelmente, quando esse indivíduo é assim chamado, lembra-se de que é chinês, chinesa. Como estará se reconhecendo ao responder? Esse chamado acorda a pessoa da condição de igualdade em relação aos outros, contestando-a. Isto pode clamar por uma discriminação de singularidade, em que tanto ser brasileiro, como também ser chinês, cabem na mesma pessoa. Como será que convivem, psiquicamente, esses aspectos distintos?

Responder essas questões implica descrever uma situação existencial que impõe a convivência com uma dualidade étnica-cultural, que tem efeitos no processo de integração da personalidade do indivíduo. Para ele, às vezes, isso aparece subjetivamente como um sentimento ambíguo em relação à vivência de *ser chinês* (pelo fenótipo) e de *se sentir*, efetivamente, chinês.

## O que os filhos de imigrantes chineses residentes em São Paulo dizem de si?

“Eu sou brasileira de coração, mas chinesa de alma”. Os filhos desses imigrantes chineses residentes em São Paulo são “os que receberam uma educação no Brasil”. A identidade chinesa convive com a nacionalidade brasileira, delimitando campos psicológicos distintos que podem entrar em conflito em função de interesses pessoais que não se harmonizam com a mentalidade chinesa que conhecem em si. No entanto, quando conciliados, poderiam gerar uma identidade sino-brasileira.

Eles se sentem chineses e/ou estão identificados com os pais chineses? Alguns dizem: “Para mim, é normal. [Os descendentes de chineses] seguem mais situações chinesas do que as brasileiras”, “seguem mais o modo de vida chinês”. Ou, “a minha primeira língua foi o chinês, e depois, o português”, “os pais incentivam você a falar a língua, a escrita, a leitura, que é importante...”.

Para os participantes falar chinês é algo que lhes dá orgulho, pois permite que se instrua sobre a cultura chinesa. Falar a língua reforça o sentimento de ser chinês, ainda mais quando vivem em comunidade. Ao mesmo tempo, isso gera a noção do “estrangeiro”, i.é., quem não é chinês.

Certamente, nesse processo, é importante a determinação dos pais de manterem sua cultura de origem, principalmente por meio da língua chinesa. Essa determinação dos pais será concretizada a partir da autoridade paterna que lhes advém da própria cultura chinesa, no que diz respeito à organização da família tradicional.

A educação recebida dos pais promoveu a construção das representações do que é ser chinês, que se expressa na sua maneira de ser, principalmente no fato de falarem a

língua chinesa. O ambiente doméstico, a família, passa a ser o espaço privilegiado em que os imigrantes, no caso, os pais chineses, podem exercer mais explicitamente sua identidade étnica e cultural, reconhecerem a si mesmos como chineses, e também aos filhos, criados segundo sua mentalidade.

### O que aprendem, em sua experiência, que poderia ser chamado de mentalidade chinesa?

#### Como falam de sua família chinesa, isto é, dos pais chineses e da sua filiação?

A família é uma referência importante. Ela é hierarquizada: o pai manda, a mãe, quando necessário, trabalha junto com o marido, em posição discreta em relação a ele, e os filhos obedecem, cumprindo sua obrigação principal: - primeiro estudar e, depois, ajudar os pais, trabalhando no negócio da família. A coesão da família é fundamental. Essa coesão familiar se dá em torno da autoridade do pai, à qual todos, principalmente os filhos, devem se submeter. “Tem famílias onde o pai simplesmente manda. Ele manda, acabou. Você não pode retrucar, responder.” “[...] a gente acata muito fácil. A gente aceita, é muito passiva”, indicando como isso afeta profundamente seu ser.

Esse padrão hierárquico presente na família chinesa se expressa de diversas formas. Por exemplo, no modo como a própria língua chinesa possui termos para indicar a linhagem paterna ou materna e o grau de parentesco dos indivíduos. As pessoas da família não se chamam entre si pelo nome próprio, pois isso é considerado falta de respeito grave<sup>2</sup>. Eles se referem uns aos outros usando termos que indicam a posição do indivíduo na família: irmão mais velho, irmã mais velha, irmão mais novo, irmã mais nova.

De modo geral, todos os participantes expressaram sentir que os pais têm a

expectativa de que seus filhos consigam um lugar no mundo e uma vida melhor do que as suas, de que não devem ter a mesma vida que estão tendo no momento. Devem buscar um status de vida melhor, diferente, principalmente por meio da formação profissional, já que sentem que seu negócio não oferece grande retorno financeiro.

Sintetizando, o que os participantes descrevem explicita a mentalidade chinesa: a valorização e o respeito aos pais mais velhos, a começar pelos pais; o privilégio dos filhos homens e a posição secundária da mulher. A filha, quando casa, deixa de pertencer à família de origem passando a pertencer à família do marido.

A emigração dos pais torna o conhecimento dessa mentalidade chinesa implícito, a ser inferido pelos filhos nascidos fora da China na medida em que os avós ficaram lá e, portanto, não existe a convivência dos pais com esses avós. O ideal da grande família, convivendo por várias gerações seguidas sob o teto dos ancestrais, torna explícito esse postulado pela convivência cotidiana. Todo mundo na aldeia chinesa comporta-se dessa forma. Passa a ser “natural”, inclusive para os pais imigrantes criados nesse sistema milenar pelos próprios pais, o que são postulados culturais. Os migrantes trazem isso do local de origem, da China, quer vivessem em aldeias, quer tivessem uma vida urbana em Taiwan<sup>3</sup>.

Os conflitos de aculturação dos filhos de imigrantes chineses em São Paulo passam a ser “conflitos do coração”, como referiu o professor David Shyu (2001) da escola chinesa em São Paulo. Os pais tendem a considerar esses conflitos como falta de *xiàoshùn*, de devoção filial. Esquecem que estão fora da China, que estão criando seus filhos onde nem todo mundo se comporta igualmente e onde não se convive com a geração anterior. Portanto, os filhos não têm como observar os pais sendo filhos e assim, o choque de gerações torna-se um confronto de poder, exclusivamente.

Chan e Leong (1994) ilustram como conflitos internos entre filhos e pais podem se manifestar em somatizações, conflitos sobre os quais o próprio indivíduo não sabe falar, principalmente, quando relacionados aos pais, porque não se deve questioná-los.

Por outro lado, quando os filhos não mantêm o chinês fluente para se comunicar com os pais imigrantes, desentendimentos graves poderão surgir. Os filhos sentem que não estão sendo suficientemente compreendidos ou mesmo, que estão sendo rejeitados. Certamente, não manter a língua materna significa uma descontinuidade importante e irreversível. O casamento com uma pessoa que não seja chinesa pode ser essa descontinuidade. Como os avós chineses irão se comunicar com netos *brasileiros* que não falam chinês?

### **Como se percebem com essa herança cultural? Que horizontes existem para eles?**

A convivência de duas culturas diferentes no interior desses sujeitos procura uma conciliação entre o que percebem em si mesmos, como próprio de ser chinês e o 'jeito' brasileiro de ser; assim como destaca a diferença entre os chineses de São Paulo e os de Taiwan, já que os pais, por conta de emigração, tornaram-se mais conservadores do que os chineses de Taiwan.

A conciliação entre "ser brasileiro e ser chinês" carrega certa dissonância, parece estranha. Benedict (1997) em seu livro clássico sobre a cultura japonesa comenta que talvez seja mais fácil colocar em palavras as diferenças entre o Oriente e o Ocidente do que de serem vividas pelos indivíduos. De fato, examinando as características contrastantes da cultura chinesa e da cultura brasileira, o Amor e Devoção Filiais postula uma diferença que pode ser muito mais difícil de ser vivida do que de ser posta em palavras.

## **Considerações Finais**

A humanidade nunca vive inteiramente no presente. *O passado, a tradição da raça e do povo vive nas ideologias do superego e só lentamente cede às influências do presente*, no sentido de mudanças novas; e, enquanto opera através do superego, desempenha um poderoso papel na vida do homem, independentemente de condições econômicas. Freud (1933, p.87) (grifo nosso)

Pensar a questão da filiação na família chinesa obriga a levar em consideração o Amor e Devoção Filiais como um postulado básico da família tradicional chinesa e ao mesmo tempo, procurar entender como esse postulado pode ser representado no psiquismo desses indivíduos. Ou, dizendo de outra forma, de que maneira essa determinação cultural da relação filial, na família tradicional chinesa, se inscreve psiquicamente como superego ou ideal do ego.

Freud (1921/1969), em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, ao analisar o aparente contraste entre a psicologia individual e a psicologia social, aponta como o indivíduo tem, efetivamente, uma dupla existência: uma em que é, para si mesmo, seu próprio fim, e outra, como membro de uma corrente à qual está sujeito contra sua vontade. Do seu ponto de vista, "Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente." (Freud, idem, p. 91). Esse 'outro', presente na vida mental do indivíduo e com o qual ele está invariavelmente envolvido, constitui-se como o superego, que enuncia a questão de uma psique marcada pela cultura. Os pais, além de oferecerem o atendimento das necessidades básicas que garantem a sobrevivência física do bebê, também o contextualizam na cultura específica em que se desenvolverá. Poder-se-ia pensar que o Amor e a Devoção Filiais correspondem ao superego dos pais, que veicula assim, a tradição.

Como, então, Freud, pensou a filiação? De acordo com Schneider (1993), o paradigma da filiação, em Freud, remete a uma inspiração jurídica ou social. "A idéia é que por meio da filiação, se transmite um certo bem; há uma herança biológica, conceitual ou material sendo transmitida, com o mínimo possível de amputações, do ascendente ao descendente". A autora entende que foi na teoria da identificação que Freud apoiou a concepção de uma transmissão vertical, de uma geração a outra, na medida em que a teoria da identificação supõe um processo psíquico que, ao mesmo tempo, é social. Podemos entender que, na medida em que se resolve a posição do indivíduo como tendo uma identidade, ele, ao mesmo tempo, internaliza a cultura da qual faz parte.

A definição de identificação dada por Freud em "*O Ego e o Id*", em 1923, envolve, ao mesmo tempo, uma injunção e uma interdição: ser como o pai e não poder ser como o pai. O filho não pode fazer tudo o que o pai faz, pois há muitas coisas que são reservadas unicamente ao pai. Mas, em última instância, a figura do pai é o modelo e só ele pode ser o modelo para os filhos. Há, nisso, uma perpetuação narcísica da figura do pai, que talvez tenha levado Freud a destacá-lo como o ideal do ego, que Laplanche e Pontalis (1970, p. 289) definem como:

Instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo a que o indivíduo procura se conformar.

Por outro lado, Freud (1933, p. 84) acrescenta que o superego também é o veículo do *ideal do ego*, por meio do qual o ego se avalia e se estimula, e cuja exigência de uma perfeição cada vez maior faz com que o ego se esforce para alcançá-la: "Não há dúvida de que esse ideal do ego é o precipitado da antiga

imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuíra”.

Em síntese, Freud atribui ao superego as funções de auto-observação, de consciência e de manter o ideal. Cabem, enfim, ao superego os aspectos mais elevados da vida do homem. “Como remonta à influência dos pais, educadores, etc., aprendemos mais sobre seu significado se nos voltamos para aqueles que são sua origem. [...] Assim, o superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do superego de seus pais; os conteúdos que ele encerra são os mesmos, e torna-se veículo da *tradição* e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração”. (Freud, idem, p.87, grifo nosso).

O Amor e Devoção Filiais, na cultura chinesa, visa a perpetuação do sistema patrilinial de família, que exige submissão ao pai, que, por sua vez, também vive uma identificação com o filho. Hsu (1949) explica que nesse sistema tradicional, a promessa de que o filho mais velho assumirá o lugar do pai quando este falecer, elimina possíveis conflitos dos filhos com a figura paterna, inclusive pela adesão ao ideal da grande família vivendo sob o mesmo teto ancestral.

Assim sendo, considero que o Amor e a Devoção Filiais, como um postulado da cultura chinesa, precisa ser conhecido conscientemente pelos filhos de imigrantes chineses, para que eles se apropriem dessa cultura enquanto herança étnica importante. Acredito que, por meio deste conhecimento, ser chinês, deixa de sê-lo apenas porque se tem o fenótipo chinês, fala-se chinês e segue-se os costumes chineses. Mas, ser chinês, fora da China, significa conhecer emocionalmente os pais chineses com os quais os filhos se identificam, identidade essa em que a continuidade de gerações pode ser algo mais que repetir a geração anterior, renunciando, assim, a uma

forma de idealizar, narcisicamente, a imortalidade.

**\* Ernesto René Sang é Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP.**

**\*\* Eva Maria Migliavacca é Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Profa. Titular do Dpto. de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP.**

## NOTAS

1 - Este artigo, baseado na dissertação de mestrado em Psicologia Clínica de Ernesto René Sang (2003), sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Eva Maria Migliavacca, tem como base empírica os depoimentos de quatro filhos de imigrantes chineses residentes na cidade de São Paulo, cujos pais emigraram para o Brasil ao longo das décadas de 1970/80, em idade adulta, já casados na origem - Taiwan.

2 - Uma curiosidade que obtivemos como uma comunicação pessoal: como o nome próprio não é de uso corrente na comunicação entre filhos e pais, uma imigrante chinesa, de volta à sua aldeia natal, procurou saber do destino de uma tia dela. Qual não foi sua surpresa ao constatar que não sabia o nome próprio dessa tia de maneira que ninguém soube lhe dar tal informação.

3 - Vale lembrar o filme chinês “As coisas simples da vida”, que mostra uma família comum de Taiwan. No filme vários temas tradicionais são tratados: o casamento, o cuidado com a mãe idosa que fica em coma, o início da vida sexual na filha adolescente, a ocidentalização de alguns chineses, e outros mais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEDICT, R.  
(1997) *O Crisântemo e a Espada*. São Paulo, Perspectiva.
- CHAN, S. e LEONG, C.  
(1994) “Chinese families in transition: cultural conflicts and adjustment problems”. *Journal of Social Distress and the Homeless*. V. 3, n. 3, p.263-281.
- CHANG, J.  
(1998) *Cisnes Salvajes. Tres hijas de China*. Barcelona, Circe.
- FREUD, S.  
(1969) *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Rio de Janeiro, Imago, 1921, v.18, p.91-184.
- FREUD, S.  
(1969) *O ego e o Id*. Rio de Janeiro, Imago, 1923, v.19, p.13-83.

- FREUD, S.  
(1969) *A dissecção da personalidade psíquica*. Rio de Janeiro, Imago, 1933, v.22, p. 75-102.
- HSU, F. L. K.  
(1949) *Under the ancestors' shadow. Chinese culture and personality*. London, Routledge & Kegan Paul.
- HSU, F. L. K.  
(1961) “Kinship and ways of life: an exploration.” In: Hsu, F. L. K. *Psychological Anthropology. Approaches to Culture and Personality*. Illinois, The Dorsey.
- HSU, F. L. K.  
(1974) *O Estudo das Civilizações Letradas*. São Paulo, EPU EDUSP.
- KAO, J. B. S.  
(1952) *A filosofia social e política do confucianismo*. Rio de Janeiro, [s.n.].
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B.  
(1970) *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa, Moraes.
- MAH, A. Y.  
(1998) *Las hojas que caen. Memorias de una hija rechazada*. México, Ed. Alfaguara.
- OSGOOD, C.  
(1975) “The culture of Lung Chau.” In: *The chinese. A Study of a Hong Kong Community*. Arizona, The University of Arizona, v. 3, p.1151-1153.
- SANG, E. R.  
(2003) *Amor e Devoção Filiais: um estudo exploratório com filhos de imigrantes chineses*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SCHNEIDER, M.  
(1993) “Trauma e Filiação em Freud e em Ferenczi”. *Percurso*, n.10, p.31-39.
- SHYU, D. J. Y.  
(2001) *Estudo da Linguagem na Comunidade Chinesa em São Paulo – Influência da Língua Portuguesa e do Dialeto Taiwanês na Língua Oficial*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – FFLCH/USP, São Paulo.
- TAN, A.  
(1992) *The kitchen God's Wife*. N. York, Ivy.
- WONG, B.  
(1998) *Ethnicity and Entrepreneurship: The New Chinese Immigrants in the San Francisco Bay Area*. Massachusetts, Simon & Schuster.
- XUE, X.  
(2003) *Nacer mujer en China*. Buenos Aires, Emecé.
- YANG, M. C.  
(1948) *A Chinese Village. Taitou, Shantung Province*. London, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co.
- ZANG, X.  
(s/d) “Family, kinship, marriage, and sexuality.” Em: GAMER, R. E. (Ed.) *Understanding contemporary China*. London, Lynne Rienner.